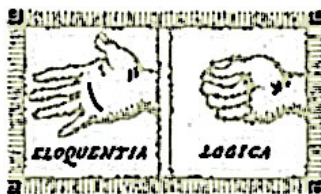


GT PRAGMATISMO ENCONTRO
VERDADE: DA METAFÍSICA MODERNA AO PRAGMATISMO
28 A 30 DE JULHO NO RIO DE JANEIRO

A VERDADE COMO CONSENSO DETERMINADO PELAS TÉCNICAS ARGUMENTATIVAS



Tarso Mazzotti

Universidade Estácio de Sá - Programa de Pós-Graduação em Educação
Grupo de Pesquisa Retórica e Argumentação na Pedagogia CNPq

2005

A VERDADE COMO CONSENSO DETERMINADO PELAS TÉCNICAS ARGUMENTATIVAS

Tarso Mazzotti

Universidade Estácio de Sá- Programa de Pós-Graduação em Educação
Grupo de Pesquisa Retórica e Argumentação na Pedagogia - CNPq

O ser é?

O *ser é*, nos diz Parmenides. Do ser falamos de múltiplas maneiras, diz Aristóteles (cfr. BERTI, 1998). Em um caso, afirma-se que o *ser é por si e em si* (absoluto), o discurso sobre o ser expõe para nós o que ele é, apresenta a sua verdade. A palavra, o discurso, o *lógos* precisa ser literal, expor ponto por ponto o que designamos, qualquer desvio (tropos) nos afasta da verdade do ser. As figuras distraem o espírito da verdade do ser. Os tropos só são necessários aos menos dotados de inteligência, a maioria dos homens, pois necessitam de um intermediário para se aproximarem da *verdade do ser* exposta pela palavra. Em outro, em Aristóteles, o ser se diz segundo as necessidades circunstanciais, *o ser se diz de múltiplas maneiras*, cada uma condicionada pela contingência da enunciação requerendo uma arte ou técnica apropriada. Assim, os enunciados próprios do ensino ou exposição sistemática devem obedecer a um encadeamento que tem por ponto de partida as hipóteses admitidas pelo auditório de estudantes. Caso os estudantes admitam as hipóteses de partida sem maiores contestações, elas são denominadas *axiomas*; caso aqueles não estejam convencidos, então são obrigados a aceitar as hipóteses, neste caso elas são denominadas *postulados*, pois o orador postula-as para poder encaminhar o raciocínio. É o que se requer no ensino de alguma ciência, que tem origem em uma outra arte ou técnica, pois *só conhecemos o que podemos fazer de maneira refletida*.

Para Aristóteles, a diferença específica entre o sábio e o ignorante verifica-se por uma qualidade: *o que sabe pode ensinar*, o inverso do *slogan* “quem sabe faz, quem não sabe ensina”. O critério aristotélico é tão pragmático quanto o seu inverso. Quando se diz “quem sabe faz, quem não sabe ensina”, supõe-se que o fazer, a perícia, ou as habilidades de um prático é o mesmo que saber, conhecer, ter ciência. É por saber que faz, mas ao que não sabe só resta ensinar (ainda que *ensinar* também seja uma prática). Outras são as razões apresentadas por Aristóteles quando diz, na *Metafísica* (981a 25-30; 981b; eu grifei):

Acreditamos (...) que o saber e o entender pertencem mais à arte do que à experiência, pois consideramos mais sábio os conhecedores da arte do que os práticos, pensando que a sabedoria a todos corresponde o saber. Isto porque uns sabem a causa e os outros não. Isto porque os práticos sabem o quê, porém não o porquê. Aqueles, por outro lado, conhecem o porquê e a causa. Por isto consideramos os mestres de obra, em cada caso, mais valiosos, e pensamos que entendem mais e são mais sábios do que os simples operários, porque sabem as causas do que se está fazendo; estes,

por outro lado, como alguns seres inanimados fazem, porém sem saber o que fazem, do mesmo modo que o fogo queima. Os seres inanimados fazem tais operações por um certo impulso natural, e os operários por costume [*consuetudinem*]. Assim, pois, não consideramos os mestres de obra mais sábios por suas habilidades práticas, mas pelo domínio da teoria [*rationem*] e conhecimento das causas. Definitivamente, o que *distingue o sábio do ignorante é poder ensinar*, e por isto consideramos que a arte é mais ciência do que a experiência, pois aqueles [os que possuem a arte] podem e estes [os simples práticos] não podem ensinar.

O que sabe ensina. Que técnica utilizar para ensinar? Nos *Analíticos Posteriores* (I, 71a 1) temos uma resposta: “Todo ensino e toda instrução intelectual procedem de conhecimentos pré-existentes. Isto é evidenciado se examinarmos todos os distintos ramos do saber, porque tanto as ciências matemáticas quanto quaisquer outras artes são adquiridas dessa forma”. Os conhecimentos prévios à situação de ensino precisam ser organizados de tal maneira que de seus axiomas permitam encaminhar os argumentos que constituem a ciência a ser aprendida. A forma de tal encaminhamento é o *silogismo demonstrativo*, tema dos dois *Analíticos*. A *didaticália*, o ensino, é uma *arte demonstrativa*, cuja finalidade é instruir; a sua *forma* supõe um certo *auditório universal*, o oposto da retórica, que supõe *auditórios particulares*.

Ensina-se o que se sabe, mas qual a origem deste saber?

Os *Analíticos* mostram como depurar os argumentos de tal maneira que sua exposição não encontre os obstáculos das contradições e das não-continuidades, para que se faça de maneira clara e conclusiva, ou seja, rigorosa, para que ocorra a aprendizagem.

Os *Analíticos* **não** permitem esclarecer a verdade dos axiomas ou hipóteses, uma vez que devem ser admitidos pelos auditores, qual é, então, a origem das hipóteses? Os axiomas procedem de uma conversação regulada entre as pessoas iguais do ponto de vista do que conhecem sobre algum assunto, tema, *subjectum*. A conversação regulada, o diálogo regulamentado, tem por ponto de partida aquela isonomia, desenrola-se por meio de regras de conduta, de um *ethos* e pragmática, requerendo, de início, que as partes tratem do *lógos*, do discurso, dos enunciados, deixando de lado qualquer juízo sobre a pessoa que usa a palavra. Tais regras foram expostas, por Aristóteles, nos *Tópicos* e nas *Refutações Sofísticas*, não cabe, aqui, recordá-las. Isto porque pretendo mostrar que os axiomas, que constituem a base da exposição de alguma ciência, são escolhidos em um diálogo que Popper diz ser *hostil-amistoso*. O diálogo regulamentado, que tem por finalidade resolver impasses sobre *o que se diz* sobre um assunto, é o caminho ou o *método dialético*.

O método dialético não é exclusividade da Filosofia ou de alguma ciência, mas usual em qualquer grupo reflexivo que deseje estabelecer os princípios, as razões, os porquês de um certo tema. O grande mérito de Aristóteles foi ter mostrado as formas ou os esquemas argumentativos válidos em tal situação, pelo que estabeleceu as bases do método dialético.

Mas, nem sempre os interlocutores encontram-se na situação de deliberar sobre o valor de verdade de algum argumento ou estabelecer as razões ou os porquês de suas crenças epistêmicas. Há situações que requerem deliberações sustentadas no que *parece ser*, no *verosímil*, no *plausível*, sem que se possa afirmar *a verdade* dos pontos de partida. Tais situações são as que requerem uma outra arte: *a retórica*.

“A retórica é a outra face da dialética” (*Retórica*, 1354a). Utiliza os mesmos instrumentos da dialética, recorre aos mesmos esquemas descritos nos *Analíticos* e nos *Tópicos*, mas tem outra finalidade: persuadir os auditores do valor dos argumentos apresentados pelo orador para tomarem alguma *decisão prática*. Isto em três situações: na assembléia que delibera sobre o futuro ao estabelecer as leis; na judicial, quando avalia o realizado ou o passado com vistas ou punir ou absolver o réu; e na que afirma ou reafirma crenças e valores do grupo social, sustentando sua identidade, no discurso epidítico. Em qualquer uma destas situações o orador procura persuadir os demais, sustentando-se nas crenças e paixões de seus auditores.

Temos, então, *três técnicas da verdade*, como diz Wolff (1995), utilizadas pelos Antigos e por nós, e que foram sistematizadas, inicialmente, por Aristóteles: a do ensino, apresentadas nos *Analíticos*; a do diálogo hostil-amistoso, presente nos *Tópicos* e *Refutações Sofísticas*; e, a própria dos processos deliberativos em uma sociedade democrática, expostas na *Retórica*. Em cada uma delas *o ser*, o tema do debate, diz-se de maneira ajustada às finalidades impostas pelas condições de validação dos enunciados, de conjunto, *o ser se diz de múltiplas maneiras*. Cada uma daquelas técnicas dá origem a um conhecimento sistematizado, reflexivo, logo a uma ciência própria: a da *demonstração*, hoje denominada Lógica; a *dialética*; e, a *retórica*. O grande mérito de Aristóteles foi ter descoberto o que todas têm em comum: *o esquema argumentativo inferencial* ou *o silogismo*.

Verdade como consenso determinado

O silogismo, como se sabe, sustenta-se em dois enunciados que postos em presença conduzem à conclusão. Transita-se das qualidades apresentadas nas premissas para uma outra, que se põe como novidade.

No silogismo demonstrativo, a forma mesma dos silogismos, o presente nas premissas é de tal ordem que resulta em uma conclusão tautológica. Isto é evidente na Lógica contemporânea que toma por premissas sinais ou símbolos ou variáveis cujo valor é *qualquer*. Não se pretende uma semântica das variáveis que escape do contexto formal, pois se o valor semântico transbordar aquele limite cair-se-á em uma situação dita *informal*. Este não é o caso da situação retórica, em que o valor semântico *informal* das premissas é condição necessária ao encaminhamento do discurso persuasivo.

O entimema, ou silogismo retórico, requer a compreensão, por parte do orador e de seu auditório, dos significados envolvidos. É aqui que se põe de maneira mais clara o que se fala sobre o ser, não é factível sustentar que algo *é porque é*, pois o auditório pode não estar convencido do significado atribuído pelo orador. A condição retórica requer uma negoci-

ação de significados, mesmo que esta não apareça de maneira explícita. A arte do orador está em considerar o já admitido pelos auditores para encaminhar os seus argumentos, donde não se pode falar para qualquer auditório da mesma maneira e com o mesmo grau de eficácia. Deixarei de lado as questões próprias da técnica retórica, pois meu objetivo é mostrar um aspecto algo descuidado: o papel dos signos, dos indícios, na construção de um discurso persuasivo. Não que este tema não tenha sido tratado por Aristóteles e muitos outros, ao contrário, ele é recorrente. O que me parece ter sido descuidado é a *transição de entimemas apoiados em signos para o silogismo científico*, o que explica os porquês de algum fenômeno.

Do entimema ao demonstrativo

O entimema recorre, como recorda Aristóteles, ao *exemplo* e ao *signo* para estabelecer o encadeamento de raciocínio conclusivo. O exemplo serve à indução retórica, assim como a indução dialética recorre a uma série de eventos, com todos os problemas próprios da indução.

Os signos, por sua vez, indicam, mostram, que determinado argumento é válido, sem que seja necessário utilizar outros meios. A ilustração clássica de signo é o de uma lactante: “se esta fêmea é lactante, então deu à luz”. Este argumento é muito persuasivo, não requer a verificação imediata da situação apresentada na conclusão, ele basta por si mesmo. É, como dizia Aristóteles, um argumento técnico (da arte retórica) que não necessita de apoio extra-técnico, a verificação de que a fêmea realmente deu à luz. É retórico por não dizer a causa da produção do leite, apenas constata que as lactantes apresentam leite quando dão à luz. A contestação deste argumento requer que se explicita a sua insuficiência em outro contexto, no científico. Na arte médica ou, mais geralmente, na fisiologia aquele argumento é precário, uma vez que não nos diz quais mecanismos permitem a produção do leite. O argumento só será científico caso explique suas causas, ultrapassando o que se julga ser uma constatação irrefutável. Contradizer o argumento não é inócuo ou um exercício puramente formal, uma vez que só se retruca quando há uma outra constatação: uma fêmea apresenta leite sem ter dado à luz, para ficar na ilustração. A contradição do argumento é posta por outro que mostra que o inicial não se cumpre em uma outra circunstância: verificou-se casos de lactantes que não deram à luz. Passa-se, então, para uma outra situação argumentativa: a dialética. Nesta os especialistas deliberam com base em indícios admitidos pelo grupo para esclarecer a contradição verificada. A história das ciências mostra que tais debates podem dar origem a explicações mais adequadas ao que se observa, esclarecendo os signos ou indícios que devem ser considerados, resultando em enunciados admitidos em uma ciência. Os enunciados admitidos são sistematizados e expostos por meio da técnica demonstrativa, que se sustenta em silogismos demonstrativos.

Caso se admita o que foi exposto até aqui, então pode-se dizer que de silogismos retóricos é factível alcançar, por meio da arte dialética, o estabelecimento de algum conheci-

mento que explicita as razões ou causas de um fenômeno. Se assim for, as três técnicas não se encontram em uma relação de antagonismo ou encerradas em si mesmas, ao contrário, elas são complementares. Isto quando se considera o processo histórico de constituição das ciências, que mostra que as três técnicas de verdade são a base do aperfeiçoamento do que sabemos, ainda que nunca alcancemos a verdade em si ou por si ou dizer o que o ser é, é factível alcançar algum conhecimento confiável.

Em suma, se *a verdade* resulta de uma negociação de significados, então é necessário um *diálogo regulamentado entre vivos e mortos*, estes preservados em suas obras. Neste sentido a *verdade* é historicamente constituída por meio das *três técnicas da verdade*. O desconhecimento do que já foi dito sobre alguma coisa faz com que retomemos argumentos ultrapassados. Por esta razão requer-se, nos contextos dialéticos, que os envolvidos conheçam a história de um debate para evitar a retomada enunciados descartados por serem inéptos por alguma razão, o que é comum ocorrer com os neófitos.

O sentido do signo

Resta dizer de maneira sumária, uma vez que já tratei disto anteriormente (MAZZOTTI, 2004; 2003; 2002), algo sobre *o que dá sentido a um signo*. Algo apresenta-se como indício em um quadro conceitual, em um certo esquema de apreensão que faz com que ele seja o signo de alguma coisa. De meu ponto de vista este *quadro conceitual* é o mesmo que *metáfora*, esquema de pensamento que resulta de uma comparação entre coisas diferentes, restando-se as semelhanças reais ou presumidas. Por exemplo, quanto Lamarck propôs sua teoria sobre as transformações dos organismos, partiu de uma constatação: os agricultores e pecuaristas selecionam animais e plantas para produzirem novos espécimes adequados às suas finalidades. Se é factível produzir novos seres, com base na variabilidade, então o mesmo se dá na natureza. Charles Darwin, com base nesta constatação, propôs a sua *teoria da origem das espécies*. A partir de um indício, a *seleção*, agora dita artificial, chega-se à noção de que há uma certa variabilidade nas espécies, que estas não são fixas, não saíram completas das mãos de Deus, elas são transformáveis. Se é assim na situação agromônica e veterinária, o mesmo ocorre na natureza, uma vez que a variabilidade é natural, sem que seja preciso supor algum *plano divino*. O quadro conceitual das *espécies fixas* obscurecia a verdade da técnica de criação de animais e plantas, pois a variabilidade não era percebida, mesmo pelos que sabiam que os agricultores e pecuaristas produziam *novos seres*. O quadro conceitual que sustenta a intervenção divina no mundo supõe que há um *plano*, uma *razão*, que se realiza no mundo: o de Deus. Isto porque *se existe uma obra, então há um artesão que a produziu*. Ou, como afirma Hegel (1977, p. 169) “(...)Deus governa o mundo; o trabalho atual de Seu governo, expressão de Seu plano, é a história do mundo”. A *mão invisível* da Providência Divina faz o mundo ser como é, e isto é racional, pois expressa a razão de Deus, donde *o real é racional, e o racional é real*. Podemos, no entanto, falar da razão em outro registro, sem apelar para o divino, tal como o faz Darwin ao expor os mecanismos pelos quais algo é ou se torna. Retomo Hegel (1959, § 181), agora em sua *Ci-*

ênica da Lógica, quando diz que “o silogismo é o *racional*, e *todo* racional”. Ele reconhece a mais relevante descoberta de Aristóteles, o silogismo, ao mesmo tempo que o restringe ao demonstrativo, como sempre se fez. Afasto-me de Hegel tanto no que se refere à racionalidade como expressão do divino quanto da identidade entre o silogismo e o silogismo demonstrativo, ao mesmo tempo que concordo com ele quando diz que o *silogismo é o racional*, e *todo racional*. Trata-se do *lógos*, do discurso, do que falamos sobre o mundo nas condições em que nos encontramos, em um diálogo com os que já disseram algo sobre o mesmo assunto utilizando os silogismos próprios das *técnicas de verdade* definidas pelo Gregos e, em particular, por Aristóteles. Neste sentido, *o ser se diz de múltiplas maneiras*, cada qual em sua situação e segundo regras pertinentes, deixando de lado relativismo absoluto por considerar que *a verdade é um certo consenso regulado pelas técnicas argumentativas*. Estas técnicas têm sido aperfeiçoadas ao longo do debate no âmbito das ciências que estabeleceu *o que não deve ser feito ou admitido*, isto aparece nos manuais de metodologia na forma imperativa: *faça assim*. Alguns consideram que a metodologia é uma *camisa de força*, quando é uma *libertação dos enganos, erros e falácias* já cometidos.

Concluindo

Se a verdade é relativa aos grupos sociais, aos consensos que estabelecem, isto não implica arbitrariedade ou um vale tudo, uma vez que temos critérios para analisar os discursos sem apelar para alguma filosofia primeira. É factível examinar uma filosofia sem apoiar em uma outra? Certamente. Isto pode ser realizado por meio da análise retórica, nela incluída as regras das três técnicas da verdade, como foi ilustrado no exame da *filosofia da educação brasileira* proposta por Saviani realizado por Mazzotti e Pimenta (2004). Se a verdade é um consenso, é relevante compreender as razões que as pessoas apresentam para adotarem este ou aquele argumento, para isto é preciso assumir um compromisso ético: o orador e seus apoiadores têm *boas razões* para defenderem seus pontos de vistas (*cf.* BODON, 1990). Os atores sociais falam e agem na *ágora*, na praça pública, não são manipuladas por algo como um “inconsciente coletivo”; nem são tomadas por idéias vindas de fora, que as dominam sem que saibam disto. Mais ainda, o senso-comum não deve ser entendido no sentido derogatório, muito menos como pré-lógico, são os conhecimentos possíveis em uma dada situação. Mas, este é um tema para outra ocasião.

Referências

- ARISTÓTELES. *Órganon*. Trad.: Edson Bini. Bauru (SP): Edipro, 2005.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Edição trilingüe estabelecida por Valentí García Yebra. Madrid: Gredos, 1990.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad.: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmgouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- BERTI, E. *As razões de Aristóteles*. Trad.: Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 1998.
- BOUDON, R. *L'art de se persuader des idées fausses, fragiles ou douteuses...* Paris: Fayard, 1990.
- HEGEL, G. W. F. *The Philosophy of History*. Trad. J. Sibree, Chicago: Eyclopaedia Britannica, 1977, 21ª edição (The Great Books, v. 46).
- HEGEL, G. W. F. *Encyclopédie des sciences philosophique em abrégée (1830)*. Trad.: Maurice de Gandillac a partir do texto estabelecido por Friedheim Nicolin e Otto Pöggeler. Paris: Gallimard, 1959.
- MAZZOTTI, T. Lógica natural ou algoritmo? Rio de Janeiro: *Educação e Cultura Contemporânea*, v.1, 2, ago./dez. 2004, p. 61-79.
- MAZZOTTI, T; PIMENTA, R. Análise retórica da filosofia da educação brasileira de Saviani. Salamanca, *Logo: Revista de Retórica y Teoría de la Comunicación*, v. IV, n. 7, p. 105-116, Dec. 2004
- MAZZOTTI, T. PragmatismøPragmaticismo, um método para filosofar. Marília (SP) CEFA: *Filosofia Americana*, 1, 1, 2003, p.81-94.
- MAZZOTTI, T. L'analyse des métaphores: une approche por la recherche sur les représentations sociales. GARNIER, C.; DOISE, W. (Dir.). *Les Représentations sociales: balisage du domaine d'études*. Montreal, Éditions Nouvelles, 2002, p. 207-226.
- WOLFF, F. Trois techniques de vérité dans la Grèce classique: Aristote et l'argumentation. Paris, CNRS, *Hermes*, 15 (1), 1995, p.41-72,